

Cidades mais humanas

Um outro paradigma de mobilidade

Fabíola CarvalhidoArquiteta e urbanista
www.csullagoadosingleses.com.br

Cidades mais humanas

Já imaginou como seria se as cidades do planeta resolvessem criar mais de 50 praças em espaços antes ocupados por incontáveis vagas de estacionamento? Esse cenário pouco provável virou realidade na Broadway, a mais famosa avenida da Times Square, em Nova York. Para construir os novos espaços, foi necessário fechar mais de cinco quarteirões de um dos distritos da cidade, formando mais 10 mil m² de vias exclusivas para pedestres. Considerando o contexto atual, em que os carros possuem prioridade na dinâmica de funcionamento dos grandes centros urbanos, ocupando um perímetro muito maior do que o das pessoas nas áreas públicas de circulação, o caso dos Estados Unidos, além de ser uma exceção, é, também, um modelo bem-sucedido da aplicação do conceito de “walkability”.

uma das maiores metrôpolises do mundo, o termo mede quanto uma cidade ou bairro favorece o deslocamento a pé ou de bicicleta das pessoas e propõe uma reflexão acerca da relação entre o homem e o espaço urbano e sobre como as cidades

têm sido planejadas em função dos automóveis ao longo da história.

A compreensão da aplicação do “walkability” é essencial para que haja uma mudança de paradigma em relação à mobilidade e à ocupação do meio onde estamos inseridos. Essa concepção parte do pressuposto de que é preciso que as cidades ofereçam condições para que as pessoas transitem a pé e se reapropriem dos espaços urbanos, uma vez que o atual modelo de locomoção rodoviária das principais megalópoles se tornou ineficiente há algum tempo.

De acordo com um levantamento feito pelo Numbeo, site internacional especializado em comparar metrôpoles sob diferentes aspectos, Belo Horizonte é a segunda capital brasileira com o pior trânsito – fica atrás somente do Rio de Janeiro –, apresentando uma média de 51,5 minutos gastos por dia em engarrafamentos, o que equivale a 8 horas por semana e 16 dias por ano dentro dos carros. Já em relação ao tamanho dos congestionamentos, os belorizontinos têm enfrentado

com mais frequência filas que superam facilmente 100 km de lentidão, segundo o portal Maplink.

Diante desse panorama nada animador, a saída pode estar na caminhada, nosso meio de locomoção mais antigo. Tornar as cidades mais caminháveis e amigáveis aos pedestres se constitui como a principal solução para desafogar as vias, que estão cada vez mais saturadas e intransitáveis. Além disso, existem outras opções de meios de transporte não motorizados e sustentáveis, como as bicicletas, que estão ganhando mais adeptos e que contam com uma infraestrutura cada vez maior para a sua livre circulação.

Aplicar o conceito de “walkability” exige uma mudança de cultura que envolva as diferentes esferas da sociedade. Somente por meio de ações conjuntas podemos contribuir de forma efetiva para a construção de centros urbanos mais humanizados, onde as pessoas ocupem as calçadas, praças e outros espaços, priorizando a convivência e as relações interpessoais.